

Profissionais liberais judeus em Pernambuco: cultura e tradição na escolha da profissão

AMARO XAVIER BRAGA JUNIOR*

Resumo: Construído a partir de uma análise dos bancos de dados do Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco, toma como base os acervos de entrevistas da comunidade e do levantamento estatístico e socioeconômico sobre a comunidade judaica de Recife. Problematisa a ligação do povo judeu com as atividades profissionais ao longo dos séculos, analisando as sanções e permissões acerca das profissões que os judeus podiam ou não seguir. O acesso profissional nunca foi fácil na história, principalmente para imigrantes e pior ainda para grupos religiosos isolados. Enfatiza que a situação profissional dos judeus nos países de origem, é um reflexo da ocupação atual dos judeus em Pernambuco, pelo menos, nas profissões dos imigrantes até a segunda geração, que correspondem a amostra da pesquisa. Por fim, traça um paralelo com as perseguições sofridas por eles nas regiões de origem, inclusive de situação profissional e de como estas ações influenciaram na escolha e desenvolvimento profissional da comunidade que se instalou em Pernambuco, ao longo de sua ocupação a partir do século XX. A atuação ou frustração profissional dos pais servia como guia de referência da escolha dos filhos e ainda um elo de fortalecimento para explicar sua identidade judaica.

Palavras-chave: Judeus em Pernambuco; Profissão; Médicos; Sociologia das Profissões.

Jewish professionals in Pernambuco: culture and tradition in the choice of profession

Abstract: This work written from an analysis of the databases of the Jewish Historical Archive of Pernambuco, it is based on the collection of community interviews and the statistical and socioeconomic survey on the Jewish community in Recife. It questions the connection of the Jewish people with professional activities over the centuries, analyzing the sanctions and permissions regarding the professions that the Jews could or could not follow. Professional access has never been easy in human history, especially for immigrants and even worse for isolated religious groups. Emphasizes that the professional situation of the Jews in the countries of origin is a reflection of the current occupation of the Jews in Pernambuco, at least, in the professions of immigrants up to the second generation, which correspond to the research sample. Finally, it draws a parallel with the persecutions suffered by them in the regions of origin, including their professional situation and how these actions influenced the choice and professional development of the community that settled in Pernambuco, throughout their occupation from the 20th century onwards. The professional performance or frustration of the parents served as a reference guide for choosing children and a strengthening link to explain their Jewish identity.

Key words: Jews in Pernambuco; Profession; Doctors; Sociology of Professions.



* AMARO XAVIER BRAGA JUNIOR é Doutor em Sociologia (UFPE); professor efetivo do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).



AHJPE - Cartazes judaicos em Pernambuco

1. Considerações iniciais

A sociologia das Profissões tem se dedicado a entender as dinâmicas que envolvem a constituição e surgimento de diversas “profissões”, “ocupações”, “ofícios” e outras atividades que se estruturam no exercício das categorias sociais. Boa parte da discussão se inicia em torno da própria definição do termo, a começar pelas áreas de estudo (as visões sociológicas, jurídicas e na história) até dentro das próprias áreas (a visão sociológica na França, Inglaterra e EUA, possuem divergências). Não nos esqueçamos que a cultura local pode preconceber aquilo que é chamado de profissão (ou ocupação, ofício etc.) em outra terminologia ou inverter seus significados ao ponto de não compreender suas aplicações ou distanciamentos. De forma que uma das chaves dos principais questionamentos, envolvendo esta discussão, refere-se aos fatores que levam um grupo, no exercício de sua ocupação, deter o status de “profissão”. Mas, no fim, reconhecemos que as profissões terminam por ser constituídas, historicamente, nas inter-

relações dos grupos com as instituições sociais, em um processo de auto identificação e coalizão entre seus partícipes. (DUBAR; TRIPIER, 1998)

Muitos estudos têm dedicado especial atenção às mudanças sociais que acometem as profissões. Suas trajetórias, vicissitudes e, principalmente, processos de (des)profissionalização. Assim, as varreduras sobre os Engenheiros (BARBOSA, 1993; COELHO, 1999; KAWAMURA, 1979; MARQUES, 1995), Advogados (BONELLI, 2002a; COELHO, 1999; WERNECK VIANNA et al, 2002), Médicos (BONELLI, 2002b; COELHO, 1999; DONNANGELO, 1975; PEREIRA NETO, 2001) entre diversas outras profissões e carreiras de docência, produziram um grande número de estudos que vêm alimentando a sociologia das profissões no Brasil.

O que traço a seguir é uma breve análise sobre o papel dos grupos étnicos nas relações de institucionalização dos grupos profissionais, explicitando a trajetória dos vínculos profissionais dos judeus (como foco no estado de

Pernambuco) com as profissões liberais, mais especificamente a de medicina.

2. Etnia vs. Ocupação: tem tradição?

O acesso profissional nunca foi fácil na história da humanidade, principalmente para imigrantes e, pior ainda, para grupos religiosos isolados. Os judeus, infelizmente, apresentavam todos estes tópicos que impediam sua ascensão à vida profissional. Não estiveram entre as castas mais altas e prestigiadas da sociedade; não eram nativos e sim imigrantes; falavam uma língua diferente da região; tinham uma religião, apesar de antiga, não muito bem aceita pelas comunidades hóspedes; e compartilhavam de uma endogamia e um ciclo de festejos que incitava uma ojeriza daqueles que não compartilhavam dos mesmos padrões culturais. Este conjunto de fatores contribuiu demasiadamente para a ocorrência das perseguições ao longo dos séculos.

A ocupação profissional dos judeus, em Pernambuco, poderia ser um reflexo da ocupação dos judeus na Espanha ou nas regiões de onde se originou a atual comunidade? A resposta é positiva até pelo menos nas profissões dos imigrantes e descendentes até a segunda geração. No início do século XIII, a ocupação judaica na Espanha, assumia grandes proporções, as juderias tiveram um grande crescimento, com grandes construções e desenvolvimento cultural, artístico e profissional da comunidade:

(...) Os judeus – graças à sua utilidade econômica e científica – ocupavam certos postos importantes. Eles foram afastados de tais postos por exercerem uma ‘má influência’ sobre os cristãos. Os judeus eram conselheiros financeiros, arrecadadores-gerais, encarregados do comércio exterior, médicos. Na Espanha, eram

também artesãos: curtidores, sapateiros, seleiros, joalheiros, cuteleiros, tecelões. Assim como os mouros, eram ferreiros muito reputados. (WIESENTHAL, 1975, p. 08)

O desenvolvimento desta vida próspera deve-se a três fatores: os empréstimos, o comércio e os ofícios (LACAVE, 1992, p. 144). O comércio de pratarias e jóias era de exclusividade judaica. Entre os ofícios: os de bordadores, peleiros, carpinteiros, mestres de obras e sapateiros, faziam muito sucesso a ponto de terem como clientes, além da população padrão, os reis, os bispos e os nobres. Entretanto, o maior destaque na ocupação profissional dos judeus foi a medicina:

Destacaban especialmente los médicos, algunos de los cuales adquirieron fama en toda Navarra. Fue también habitual que un médico judío cuidara la salud de los miembros de la familia real, ganándose la confianza del monarca y en algún caso, como ocurre ya en el siglo XIV con el tudelano Yosef Orabuena nombrado Gran Rabino de Navarra en el reinado de Carlos III, y legando a ocupar altos cargos en la administración fiscal y financiera del reino. (LACAVE, 1992, p. 145)

Todavia, independente do sucesso que a profissão de médico exercia na comunidade, e, fora dela, nenhuma profissão representou mais os judeus que a usurária, isto é, os prestamistas, que trabalhavam com o empréstimo financeiro. E foi com esta função, que os judeus prestamistas, assumiram cargos de administradores públicos, arrecadadores de impostos e administradores fiscais (LACAVE, 1992). Funções que a partir do século XV, seriam as grandes responsáveis pela crescente ojeriza instituída ao povo. Esta dedicação dos judeus à

função de prestamistas deve-se muito ao fato das restrições “[...] tanto no plano do artesanato quanto da propriedade fundiária e da agricultura...” (WIESENTHAL, 1975, p. 09). Assim, exercer tal função era um meio de sobrevivência induzido pelo povo hóspede.

Alguns autores (LEON, 1981; WIESENTHAL, 1975), colocam ainda o atraso econômico da Espanha como elemento fundamental para a conservação das posições comerciais exercidas pelos judeus, e ainda, devido a severa política de cominação da Igreja Católica na proibição da prática da usura, deste modo, “se alguém devia pecar, que fosse um judeu” (WIESENTHAL, 1975, p. 10). Esta relação de dependência e coação das atividades financeiras fez com que a Espanha desenvolvesse uma relação conflituosa com os judeus: “em 1462, quando os judeus foram ameaçados de ser excluídos das operações financeiras, os representantes das cidades pediram às Cortes (parlamento espanhol) que lhes permitissem continuar a exercer essa atividade” (WIESENTHAL, 1975, p. 10). Este impasse não ocorreu em reinos mais prósperos e cuja influência católica era enfraquecida, como a Inglaterra e a França (LEON, 1981).

Na Espanha, há documentos que comprovam as transações comerciais, desde o século XII até o século XIV, quando são expulsos e obrigados a pagar altas taxas de traslado, que os tornavam grandes financiadores, indiretos, da realeza: “os infortunados israelitas, longe de serem mercadores em Barcelona, aí entravam como mercadorias ” (LEON, 1981, p.85).

Foi justamente a necessidade de adaptar-se, elemento essencial para a ordem social, que transformou um povo originalmente de pastores em um povo

mercante. Esta nova profissão possibilitava uma liberdade de movimento, que inexistia na anterior e, ao mesmo tempo, construíram a fonte de riquezas das comunidades. O sucesso nas funções comerciais fazia com que os judeus conquistassem posições cada vez mais importantes na vida econômica dos países hóspedes (SZEKELY, 1940). Foi deste modo, que um povo de pastores, se transformou em um povo de mercadores e, posteriormente, em um povo rico em profissões liberais.

Segundo Szekely (1940), a maioria dos historiadores concorda com a importância do comerciante judeu na história da humanidade:

Uno de los mejores conocedores del comercio antiguo y medioeval, *Kiesselbach* hace notar que “*al derrumbarse el Imperio romano, el comerciante judío fué el agente de enlace entre Asia y Europa y como portador de los tesoros mobiliarios, fué él quien echara el primer fermento social en la vida agrícola de la Europa Central*”. El mismo autor añade que “*al principio de la Edad Media, el judío fué una verdadera necesidad económica*”. (SZEKELY, 1940, p. 151, grifos do autor)

Um dos fatores mais expressivos nas políticas de perseguições sofridas pelos judeus ao longo das últimas décadas foi o acesso restrito às atividades ocupacionais \ profissionais, principalmente aquelas relacionadas às formações acadêmicas tradicionais e às carreiras universitárias, ocorrendo principalmente nas regiões do Leste Europeu (Letônia e Hungria, por exemplo) e, mais ainda na Polônia onde esta situação se refletia de maneira mais evidente:

As universidades constituem o terreno de predileção da luta

antisemita. A burguesia acionou todos os meios para proibir aos judeus o acesso às profissões liberais. As universidades polonesas tornam-se locais de verdadeiros pogroms, defenestrções, etc. Bem antes das estrelas de David de Hitler, a burguesia polonesa introduziu os "bancos separados" nas universidades. Medidas "legais" mais discretas, mas não menos eficazes tornaram o acesso à universidade quase impossível à juventude judaica, cujas condições de vida ancestrais desenvolveram muito as faculdades intelectuais. (LEON, 1981, p. 155)

Não havia políticas discriminatórias mais eficientes que estas, pois, dificultando o acesso a educação, impossibilitava a sobrevivência das gerações seguintes e a continuidade da prática cultural. O percentual de estudantes judeus nas universidades, na década de 1920 na Polônia, que era de 24%, cai para 13,2%, em apenas dez anos depois; e na Hungria, no mesmo período, teve uma queda muito maior de vinte pontos percentuais (LEON, 1981).

Os judeus sempre foram vistos como intrusos nas regiões onde viveram. Os países hóspedes mantinham uma relação incongruente com os grupos judaicos. Ao mesmo tempo em que precisavam de mão-de-obra, para o exercício de determinadas funções na ordem social, não podiam permitir que esta mão-de-obra adquirida, assumisse posições consideradas importantes e vitais, para o gerenciamento da divisão social do trabalho.

As funções de gerência pública e administração militar foram as primeiras a serem proibidas e vetadas, seguidas de perto pela ausência do direito à propriedade. Mas especificamente, à propriedade agrária.

Cultivar, semear e arar a terra eram ações destinadas aos colonos e aos burgos. Bem como a pecuária, já que não tinham terra para plantar, não podiam alimentar nenhum tipo de rebanho e nem transportar os animais sem ter que desembolsar enormes quantias a título de imposto.

A primeira função profissional legalmente exercida e incentivada pelos países hóspedes foi a cobrança financeira. A amarga figura do cobrador de impostos. O praticante da usura. A mais reconhecida e estereotipada figura judaica das histórias, cuja caricatura ganhou o imaginário popular: o esguio e rapinante plutocrata judeu. E, talvez tenha sido esta função que ampliou ainda mais, o ódio ancestral contra os judeus. Os monarcas acertaram quando destinaram esta função aos judeus. Poderiam obter o dinheiro de seus colonos sem perder muitos de seus vassalos e, ao mesmo tempo, colocar a culpa nos judeus de forma a incitar o povo contra aquele povo considerado “estranho”. Fatos como este ilustram diversas pesquisas, entre várias, cito:

O anti-semitismo dos ucranianos é um capítulo à parte e tem suas raízes nas guerras dos cossacos no século XVII contra a nobreza e os proprietários poloneses, que empregavam às vezes os judeus como arrecadadores de impostos e intermediários no comércio com a população campesina. Dessa forma, o ressentimento popular contra os poloneses concentrava-se no ódio contra os judeus, considerados como instrumento do governo polonês para a opressão e exploração dos ucranianos. (SNEH et al., 1969, p. 04)

Apesar das décadas trabalhando com o comércio ambulante, os judeus já não podiam mais exercer tais funções devido às políticas instituídas pelos

burgos. Cada burgo que passavam obrigava-os a contribuir com um percentual das peças que traziam, de forma que os perigos da viagem e as taxas não compensavam o exercício da atividade.

Nos períodos de perseguição mais acentuada, os judeus viam seus acessos aos campos profissionais cada vez mais se afunilando, ficando limitados a exercícios sem muita expressão e profissões sub-valorizadas. Na Rússia, no período dos *pogroms*, o Estado definia cotas para as várias classes sociais, de forma que os judeus ficavam de fora por não se enquadrarem em nenhuma. Há relatos de imigrantes que contam que seus pais faziam cursos similares para escapar destas represálias. Cursos como medicina, direito e engenharia eram terminantemente proibidos. Judeus que quisessem fazer medicina, só poderiam fazer cursos correlatos, como veterinária (SNEH et al., 1969). Sneh et al. acrescenta ainda, como se organizavam profissionalmente os judeus, com suas dificuldades para exercer estas profissões:

(...) à numerosa minoria nacional judia, que foi encerrada na assim chamada "Tchertá" (zona de residência), limitando-se sua liberdade de movimentos e seu desenvolvimento econômico-social. Confinados em pequenas povoações, onde somente podiam ocupar-se do pequeno comércio e de certos ramos de artesanato, os judeus russos encontravam-se praticamente ilhados do resto da população. Esse isolamento, aliado aos antagonismos de caráter religioso, originaram um profundo sentimento anti-judeu no seio do povo russo, que considerava os judeus como cidadãos de categoria inferior. (SNEH et al., 1969, p. 04)

Seu isolamento e falta de acesso às profissões tradicionais, impedia o processo de socialização da comunidade. Havia também políticas no sentido de cessar o acesso das crianças judias aos colégios de educação primária e secundária. Como no caso dos judeus que viviam na Rússia:

(...) se estudava no primário que era de quatro a cinco anos. (...) Depois, tinha dois tipos de ginásio: intensivo, de quatro anos e outro elementar de oito anos. Depois tinha escola técnica, curso científico, além de estudos aprendia-se uma profissão. Terminando o ginásio, podiam fazer vestibular, entrar na faculdade. Para entrar no ginásio ou na faculdade os judeus tinham dificuldade porque tinha norma percentual. Quando entravam 10 russos podia entrar um aluno judeu com a máxima nota que era cinco. (...) no tempo da monarquia quem queria estudar na faculdade além de ter nota máxima tinha de converter em cristianismo, que era raríssimo. (Depoimento de M. G. *apud* KAUFMAN, 2001, p. 89)

Esta fala, de um dos imigrantes residentes no Recife, demonstra bem a dificuldade dos membros da comunidade em ter acesso à formação de nível superior na Rússia, principalmente aos cursos de medicina, fosse no período da monarquia, fosse na revolução comunista:

[...] resolvi fazer vestibular de medicina junto com alguns colegas e fomos para Kiev. (...) Mesmo fazendo boas provas tinha certas regras: 1º lugar era para filhos de comunistas; 2º lugar era para filhos de militares; 3º lugar era para filhos de médicos; 4º lugar era para filhos de operários. O resto era para outros estudantes. Eu e meus colegas fizemos boas provas, mas não era nossa vez de entrar. (Depoimento

de M. G. *apud* KAUFMAN, 2001, p. 91)

Este fator ocasionou um registro no imaginário destes indivíduos, ocasionando a construção de um mecanismo *compensatório*. Isto quer dizer, que as carências sofridas pela comunidade em uma geração, foram transformadas em objetivos de realização na geração seguinte. Reflexo da transmissão das histórias de vida de seus parentes. Profissões que foram proibidas de serem exercidas pela comunidade judaica em um determinado período histórico foram o destino da geração seguinte, já livre da perseguição.

Um indicativo da construção destas ações, pode ser percebido na ocupação judaica em Pernambuco. A atuação profissional dos imigrantes e das gerações que se seguiram se organizara de uma forma que corrobora o que propusemos acima.

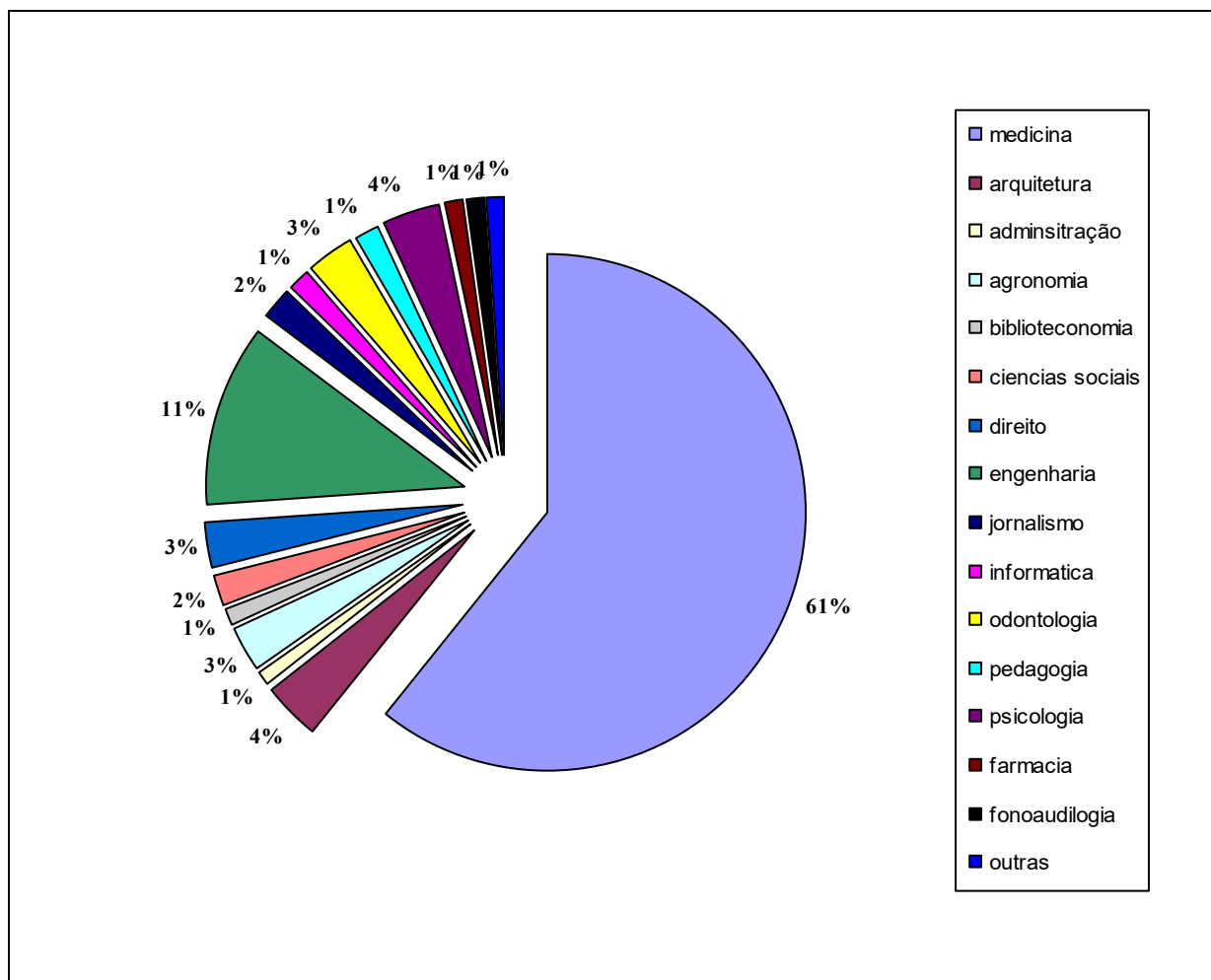
3. Da profissionalização da comunidade judaica no Recife

A comunidade judaica, ao migrar para o Brasil, pode desfrutar de uma vida social com menos adstringências e perseguições que nos lugares no qual estavam antes de emigrar. No Brasil, como muitos países do continente americano, os judeus puderam retomar a construção das suas vidas sociais de forma a desenvolver uma comunidade

estável e próspera, como a que encontramos em Recife.

Os imigrantes assumiram, primeiramente, postos no comércio local e na área de serviços, já que, em grande maioria, não puderam assumir cargos de profissionais liberais, com uma formação acadêmica-profissional legal. Mesmo os imigrantes com experiência profissional em suas regiões de origem, não podiam exercê-la nos países hóspedes, pois tais formações não tinham valor legal. Profissionais das mais diversas áreas, ao se instalarem no Brasil, partiam para o comércio e o sucesso de suas ações se deve à maneira de como esse comércio era feito. Os judeus foram os primeiros a introduzir no país, o pagamento a prestação. Partiam de porta em porta vendendo mercadorias das mais diversas. Esta função se desempenhou de tal maneira que os judeus passaram a ser conhecidos pela população local como os “prestamistas”. Obviamente, por venderem “a prestação”. Facilitando o acesso de diversas mercadorias à população local. O sucesso destes, nestas áreas comerciais, garantiu à geração seguinte condições de retomar àquelas funções antes proibidas nas outras regiões de suas origens. Seus filhos puderam então se dedicar aos cursos mais variados como medicina, engenharia e direito.

Gráfico 1 – Percentual de distribuição de egressos por curso de formação em Pernambuco.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados arquivados no AHJPE.

Ao analisar o gráfico 1, com a distribuição de cursos em que os judeus residentes em Pernambuco se formaram, percebe-se o destaque percentual da área de Medicina que corresponde a 61% dos formandos judeus nas três primeiras gerações da comunidade (270 egressos, contando da geração dos imigrantes até seus netos, a partir de 1910). O segundo maior curso com interesse é o de Engenharia, com 11%. As atividades só começam a ser mais diversificadas a partir da 3ª geração (netos) diminuindo a frequência da escolha de Medicina e surgindo outras áreas correlatas como Fisioterapia, Fonoaudiologia, Psicologia

e Odontologia.

De acordo com Largman (2003, p. 76), em um levantamento da situação acadêmica dos judeus na Bahia, obteve o seguinte resultado:

Conseguimos apurar as seguintes profissões (...): Engenharia, 67/ Medicina (14 mulheres), 53/ Odontologia (19 mulheres), 31/ Magistério (12 mulheres), 31/ Advocacia, 16/ Música, 12/ Arquitetura, 08/ Economia, 06/ Farmácia, 05/ Jornalismo, 04/ Enfermagem, 04/ Contabilidade, 03/ Psicologia, 03/ Química, Administração, 01/ Agronomia, 01/ Cinema, 01. Temos um total de 252

profissionais formados pelo curso superior, filhos de imigrantes e uma parcela pequena de imigrantes ainda jovens.

Bahia e Pernambuco, até pela proximidade geográfica, parecem manter relações muito próximas também com a comunidade judaica de ambas as regiões. Talvez pelo fato da maioria dos imigrantes serem da mesma região de origem para ambos os estados, no caso a Bessarábia. Se aglutinarmos os números de formandos em Medicina e Odontologia, encontraremos uma distribuição muito semelhante àquela em Pernambuco. Com índices fortes em Medicina e Engenharia e com um declive e uma maior distribuição em áreas correlatas com os membros da 3ª geração.

Da mesma forma, ao tratar dos judeus no período holandês, Largman (2003), com base nas compilações de Gonsalves de Mello¹, fez um levantamento da lista de ofícios e ocupações dos judeus. Nesta lista, a primeira profissão regularizada por curso acadêmico, é justamente, a de medicina que aparece com seis membros, seguidas depois pelas profissões de professor, administrador e advogado. Estes seis eram: “Benjamim Musaphia, Abrão de Mercado, Manuel Nunes, Luis Mendes, Moisés Rafael Salom e Isaac de Andrade Velosino” (LARGMAN, 2003, p. 123).

De um levantamento inicial realizado pelo Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco, mais de 60 % dos formandos se encontravam justamente no curso de medicina. A função

profissional do médico mostrou-se como sendo de grande importância para a comunidade. O imaginário do imigrante, ainda receosos das proibições impostas a comunidade da sua época, procurou incentivar esta geração a absorver estas funções.

No período entre 1956 e 1960, 26 alunos colaram grau. Uma média de cinco alunos por ano. Ao mesmo tempo, apresentou um índice de participação feminina muito elevado para época: de 1945 a 1990, 53 mulheres se formaram em medicina e destas, quatro, foram laureadas. No mesmo período, 90 homens concluíram o curso. Mantendo o índice de 63% dos formandos sendo homens e 37% mulheres.

O primeiro judeu a se formar no curso de medicina, colocou grau, onze anos depois da criação do curso. Maurício Adler foi, em outubro de 1931, o primeiro médico judeu formado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em uma historiografia sobre a faculdade de medicina da UFPE, encontramos algumas menções aos estudantes judeus:

Foi Noel Nutels quem deixou o maior registro de sua passagem como estudante de medicina. Nascido na Rússia, criado em São José da Laje, Alagoas, Noel Nutels ingressou na Faculdade de Medicina em 1931 e graduou-se em 1936. Inteligente, espirituoso, boêmio por vocação, ultracomunicativo, contador de piadas, conquistava facilmente amigos e admiradores. São numerosos os episódios curiosos em tomo de Noel Nutels. Anualmente, fazia a sua inscrição dirigida a "Meritíssima" Congregação da Faculdade de Medicina. Somente em 1936, quando assumira a direção da Faculdade de Medicina, Barros Lima detectou a "injúria" de Noel e

¹ Refiro-me ao historiador José Antônio Gonsalves de Mello que analisou as documentações na Torre do Tombo em Portugal para escrever seu livro *Gente da Nação*, cujas partes começaram a ser publicadas em 1960. Cf. Mello, 1996.

aplicou-lhe uma penalidade de um ano de suspensão. Entretanto, professores, seus amigos e admiradores, após longa defesa conseguiram demover o intento de Barros Lima. A título de propaganda da Festa da Esmeralda, que se realizava anualmente na Praça do Derby, destinada a angariar fundos para a Casa do Estudante Pobre, Noel Nutels dilatava as pupilas com atropina e desfilava pela Rua Nova, imitando um boneco, com os olhos bem abertos, sem pestanejar, durante horas seguidas. ⁽²⁾

No Brasil, os judeus encontraram uma série de condições muito favoráveis à sua inserção, principalmente, se comparáveis às das terras de origem, do qual vieram, muitas vezes, fugitivos. Estas condições tornavam-se cada vez mais favoráveis, a partir da década de 1920, com a industrialização do Brasil, elevando a seu crescimento econômico e melhorando a expectativa dos imigrantes:

Não foi por acaso que os judeus, com uma secular e tradicional experiência de vida em aglomerações urbanas e consequentes aspirações ao *status* de classe média, se adaptaram quase perfeitamente às novas funções da sociedade urbano-industrial emergente. (RATTNER, 1977, p. 57)

Esta situação social no Brasil favorecia ainda mais a segunda geração de imigrantes nascida no Brasil, que voltava seus interesses, justamente, às

profissões liberais, à administração pública, ao comércio e à indústria. Ao contrário dos seus pais, imigrantes, que devido às perseguições e às proibições a estas profissões, tinham assumido diversas outras carreiras comerciais e como ambulantes prestamistas no Brasil. Desta forma, os judeus tiveram uma grande adaptabilidade à situação social no Brasil:

Para os judeus da Europa Oriental, procedentes do *Stetl*, a emigração não era apenas um deslocamento no espaço geográfico, mas antes uma penetração num novo universo social e econômico. Acostumados a viver em comunidades fechadas, experimentaram pela primeira vez, oportunidades e possibilidades de progresso e ascensão social numa sociedade aberta, organizada de acordo com critérios universalistas. (RATTNER, 1997, p. 79)

E ainda podemos notar que este não foi um padrão para todos os imigrantes. As diferenças na estrutura social e cultural dos judeus, permitiram que eles se expressassem desta forma, e não de outra. A acomodação ou se preferir, a adaptação dos judeus na sociedade brasileira se processou em outro nível:

O que teria distinguido o judeu imigrante dos outros grupos étnicos seria muito mais sua aspiração e seu condicionamento ao padrão de vida da classe média, praticamente inacessível na sociedade urbana sem estudos que visa à profissionalização. Os requisitos para uma vida integrada e, portanto, os meios e instrumentos de socialização, no Velho e no Novo Mundo, foram fundamentalmente diferentes: lá, o estudo da Tora e do Talmude se afiguram como adaptação a um *status* sócio-econômico precário, num ambiente fechado e hostil; aqui, a aquisição dos conhecimentos e da cultura

² Depoimento de “Kelner”, entrevista concedida a Diva Maria Gonsalves de Mello e disponibilizada pelo Arquivo Histórico judaico de Pernambuco, durante atividade de pesquisa para o projeto de registro e entrevistas com os imigrantes e seus descendentes. Curiosamente, o próprio depoente judeu, com grande projeção na comunidade, foi professor e ex-aluno da faculdade de Medicina.

geral foi instrumental para o acesso às posições de prestígio e bem-estar, normalmente vedadas aos judeus, nas sociedades rurais semifeudais da Europa Oriental e Central. (RATTNER, 1977, p. 64)

A situação cultural dos judeus propícios à alfabetização e à educação formal dos membros da comunidade, garantiu-lhes bons postos no mercado de trabalho e uma boa distribuição nas atividades profissionais de formação acadêmica.

4. Considerações finais: cultura e tradição na escolha da profissão?

A trajetória dos judeus, em seu processo de profissionalização na ocupação \formação de atividades regulamentadas pelo Estado e com aceitação social, saindo de uma ocupação informal para o exercício das profissões liberais, socialmente estabelecidas, talvez esteja ligado a um fator de ascensão social. Magali Larson (1979), em seus estudos sobre a organização dos mercados profissionais, já nos trazia o aspecto pelo qual a profissionalização assume uma ação de mobilidade social, pois tentam alcançar posições econômicas rentáveis, mas também status e prestígios sociais. Não seria uma coincidência que as estatísticas de formação universitária entre o grupo étnico-religioso se ampliariam, entre as gerações, das profissões liberais para outras atividades. O acompanhamento intergeracional na inserção acadêmica revela uma ambientação direcionada às profissões de maior prestígio social. O levantamento histórico de suas proibições em épocas anteriores e em outros países revela-nos como o exercício destas atividades exerce influência nos parâmetros de status e valorização social. É o elemento ideológico que Larson (1979) faz referência, não só pelo fechamento do mercado de trabalho (iniciado pela

própria inserção na formação universitária) mas também, pelo interesse coletivo na exclusão.

Segundo Parsons (1972) o profissionalismo começa quando ocorre a distinção entre determinadas áreas vinculadas ao “saber” (Filosofia, Direito e Medicina) das matrizes religiosas, aliadas a uma cristalização da prática privada e uma ideologia do serviço orientada para o mercado de bases econômicas. Com isso vão surgindo novos centros de formação preocupados com o estudo, a pesquisa e a descoberta. Estas novas universidades, com tendência laica, colocam em destaque a figura do pesquisador-professor, vincula a formação a uma aplicação prática. Desenvolve-se desta forma, uma ancoragem do sistema universitário na estrutura da sociedade, que guiada para o bem-estar público, termina por colocar a liderança e o destaque profissional estabelecidos pela legitimidade cultural e não mais por poder político ou sucesso econômico.

O que me chama atenção é o tipo de enquadramento sobre a orientação de ocupação por parte dos grupos judaicos europeus. Segundo a historiografia sobre os judeus a partir da Idade Média, suas ocupações, devido as proibições de posse de terra, sempre estiveram associadas ao comércio, a usura e ao exercício da medicina. Em todos os casos, estas atividades estavam relacionadas a uma autonomia, a um saber monopolizado (expertise) e um certo credencialismo. É certo que, na última característica, em um patamar não institucionalizado (pelas Universidades), mas com o mesmo nível de controle. Estas características permeiam a definição de Freidson (1996) sobre as características do poder

das profissões³. Apesar do anacronismo, o que chamo atenção, é o caráter de profissionalização atribuído pelos judeus às suas ocupações. Em todas as suas atividades se reconhece: o aspecto da autonomia enquanto trabalho individual ou não-assalariado; a expertise do fazer das ocupações, o conhecimento técnico seja da matemática, da medicina ou da engenharia⁴, resguardado e passado por tutoria aos aprendizes, em sua maioria, também judeus. Desta forma, se constituía um tipo de credencialismo entre os pares no monopólio e transmissão do conhecimento. Seria este fator o agente que propiciou a rápida imersão dos imigrantes judeus na profissionalização?

Essa predileção pela profissão de médico, deve-se sobretudo, às necessidades da comunidade da época? Ou, a medicina é uma profissão na qual, naturalmente, se dedicam uma grande parcela da população, seja ela oriunda de qualquer outro grupo cultural? Ou que outro fator, entre um grupo de notórios comerciantes – como boa parte dos imigrantes – poderia intervir nestas escolhas? São questões que a pesquisa suscita.

O que nos surge, enquanto inferência, na relação entre estes dois objetos, aqui trabalhados – os judeus, enquanto grupo étnico e seus vínculos profissionais ou de profissionalização – é que, a racionalização do processo de desenvolvimento das profissões foi benéfica para a profissionalização dos

grupos étnicos, no caso, os judeus. É com o estabelecimento desta nova realidade de profissionalização que eles saem das atividades ocupacionais e se dedicam às profissões liberais.

Referências

BARBOSA, Maria Ligia. **Reconstruindo as Minas e Planejando as Gerais; os engenheiros e a constituição de grupos sociais**. Campinas: UNICAMP – tese de doutorado em Ciências Sociais, 1993. p.29-42.

BONELLI, M. G. "Os Médicos e a Construção do Profissionalismo no Brasil". **História, Ciências, Saúde**, vol. IX, nº 2, pp. 431-436, 2002b.

BONELLI, Maria da Glória. **Profissionalismo e Política no Mundo do Direito**. São Carlos/São Paulo: Ed. Sumaré/FAPESP, 2002a.

COELHO, Edmundo C. **As Profissões Imperiais: Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

DONNANGELO, M. C. **Medicina e Sociedade**. São Paulo: Pioneira, 1975.

DUBAR, Claude; TRIPIER, Pierre. **Sociologie des Professions**. Paris: Armand Colin, 1998, p.8-14.

FREIDSON, Eliot. "Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº31, jun. 1996, pág. 142-154.

KAUFMAN, Tânia Neuman. **Passos Perdidos, História Recuperada: A Presença Judaica em Pernambuco**. 2ª ed., Recife: Edição do Autor, 2001, 271p.

KAWAMURA, Lili. **Engenheiro: Trabalho e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1979.

LACAVE, José Luis. **Juderias y Sinagogas Españolas**. Madrid: Editoria Mapfre/ coleção Sefarad, 1992.

LARGMAN, Esther R. **Judeus nos Trópicos**. Salvador: Concerto e Arte Editorial, 2003.

LARSON, Magali Safarti. **The Rise of Professionalism - a sociological analysis**. Berkeley/Londres: University of California Press, 1979. p. 2-65.

LEON, Abraham. **Concepção Materialista da**

³ Ciente que segundo sua abordagem só falaríamos de profissão após o desenvolvimento industrial.

⁴ Historicamente temos diversas menções às funções específicas de cunho técnico como engenharia naval, cartografia e calculistas de tábua de navegação, inclusive com o uso de instrumentos avançados como o astrolábio e diversas outras modalidades.

Questão Judaica. São Paulo: Global Editora, 1981.

MARQUES, Sonia. **Les professions de l'urbanisme au Brésil.** Paris: EHESS, 1995.

MELLO, J. A. G. de. **Gente da Nação:** Cristãos-novos e Judeus em Pernambuco. 1542-1654. 2ª ed., Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1996.

PARSONS, T. "Professions" in SHILLS, David (Ed.). **International Encyclopedia of the Social Sciences.** New York: MacMillan, v. 11\12, p.536-546.

PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser Médico no Brasil: O Presente no Passado.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

RATTNER, Henrique. **Tradição e Mudança: A Comunidade Judaica de São Paulo.** São Paulo: Ática, 1977, 198 p. [Coleção Ensaio, n. 27]

SNEH, Simcha et al.. **Um Genocídio cultural:**

A Política antijudaica da União Soviética. São Paulo: Edições Comentário/ Instituto Brasileiro Judaico de Cultura e Divulgação. 1969.

SZEKELY, Bela. **El Antisemitismo: su historia, su sociologia, su psicologia.** Trad. (do Húngaro) por Olivier Brachfeld. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1940.

WERNECK VIANNA, Luiz; CARVALHO, M. Alice R. de, MELO, Manuel Palácios Cunha e BURGOS, Marcelo Baumann. **A Judicialização da Política e das Relações Sociais no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1999.

WIESENTHAL, Simon. **A Missão secreta de Cristóvão Colombo: velas da esperança.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

Recebido em 2020-01-21

Publicado em 2020-11-13